

ECOLOGIA, LITERATURA  
E AUTORIA FEMININA

---

contornos críticos e  
leituras contemporâneas

### **Conselho Editorial**

Alexandre Mariotto Botton – UNEMAT/Tangará da Serra Alice

Áurea Penteado Martha – UEM/Maringá

Aroldo José Abreu Pinto – UNEMAT/Tangará da Serra

Diana Navas – PUCSP/São Paulo

Diógenes Buenos Aires de Carvalho – UESPI/Teresina

Edgar Roberto Kirchof – ULBRA/Canoas

Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira – Unesp/Assis

João Luís Cardoso Tápias Ceccantini – UNESP/Assis/SP

Marly Amarelha – UFRN/Natal

Rosa Cuba Riche – CAP – UERJ

Sara Reis da Silva – Universidade do Minho/Portugal

Silvana Augusta Barbosa Carrijo – UFG/Catalão

Thiago Alves Valente – UENP/Cornélio Procópio

Valter Henrique de Castro Fritsch – FURG/Rio Grande

Vera Teixeira de Aguiar – PUCRS/Porto Alegre

Laureny Lourenço  
Izabel Brandão  
(organizadoras)

ECOLOGIA, LITERATURA  
E AUTORIA FEMININA

---

contornos críticos e  
leituras contemporâneas

MERCADO<sup>®</sup>  
LETRAS

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Ecologia, literatura e autoria feminina [*livro eletrônico*]: contornos críticos e leituras contemporâneas / organizadoras Laureny Lourenço, Izabel Brandão. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2024.

ePub

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-851-7

1. Crítica literária 2. Ecologia 3. Feminismo 4. Literatura brasileira 5. Mulheres na literatura I. Lourenço, Laureny. II. Brandão, Izabel.

24-225810

CDD-B869.09

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Literatura brasileira : História e crítica B869.09

*capa:* Studio Rotta Design Gráfico

*imagem:* iStockfree.com

*gerência editorial:* Vanderlei Rotta Gomide

*preparação dos originais:* Editora Mercado de Letras

*revisão final* das autoras

*bibliotecária:* Eliane de Freitas Leite – CRB 8/8415

Essa obra está sendo publicada com  
recursos do edital de Publicações 2024 da  
Faculdade de Letras/UFMG

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

[www.mercado-de-letras.com.br](http://www.mercado-de-letras.com.br)

[livros@mercado-de-letras.com.br](mailto:livros@mercado-de-letras.com.br)

1ª edição

**2024**

FORMATO DIGITAL

BRASIL

---

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.  
É proibida sua reprodução ou armazenamento parcial ou total ou transmissão de qualquer meio eletrônico ou qualquer meio existente sem a autorização prévia do Editor. O infrator estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....7

*Laureny A. Lourenço da Silva,*

*Izabel F. O. Brandão*

### Capítulo I

ECOFEMINISMO E POÉTICA DO CORPO EM  
MOQUECA DE MARIDOS: MITOS ERÓTICOS

INDÍGENAS .....21

*Priscila Maria de Barros Borges*

### Capítulo II

CONCEIÇÃO EVARISTO: UMA LEITURA  
ECOFEMINISTA E DECOLONIAL DE BECOS

DA MEMÓRIA .....49

*Raquel D' Elboux Couto Nunes*

### Capítulo III

ESPAÇOS DA TRANSCORPORALIDADE

EM POEMAS DE JACKIE KAY .....81

*Izabel Brandão*

### Capítulo IV

RELENDO O MAIS-QUE-HUMANO:

GRACE NICHOLS E A POESIA DAS ÁGUAS..... 105

*Letícia Romariz*

### Capítulo V

“EU ACREDITO QUE OS HUMANOS

DEVERIAM SER PLANTAS”: UMA LEITURA

DA FICÇÃO DE HAN KANG SOB A ÓTICA

DA TEORIA ECOFEMINISTA..... 123

*Jéssica Resende*

Capítulo VI	
FEMINISMO E TRABALHO EM UMA PERSPECTIVA ECOCRÍTICA/ECOFEMINISTA EM <i>DIEZ MUJERES</i> , DE MARCELA SERRANO .....	145
<i>Laureny Lourenço,</i> <i>Eduarda Vasconcelos,</i> <i>Sthefany Magalhães</i>	
Capítulo VII	
O FEMININO ARQUETÍPICO EM CONTOS DE FADAS DE MARINA COLASANTI: UMA LEITURA ECOFEMINISTA .....	167
<i>Edilane Ferreira</i>	
Capítulo VIII	
CARNIFICINA OCULTA: EXPLORAÇÃO ANIMAL E FEMININA EM <i>SABOROSO CADÁVER</i> (2022), DE AGUSTINA BAZTERRICA .....	199
<i>Joana Coelho</i>	
SOBRE AS AUTORAS.....	225

## APRESENTAÇÃO

Este livro concretiza a integração e a força de mulheres que se juntaram – seja neste tempo ou em outros – e pensaram as necessidades críticas que o mundo contemporâneo nos impele. As questões ambientais estão na ordem do dia e a academia não pode estar ausente do que está acontecendo no mundo real: crimes contra a natureza de todas as espécies. Distanciar-se desses temas, pensando que o campo da crítica literária seria(m) outro(s), talvez fosse o caminho mais fácil e cômodo. No entanto, não é a nossa escolha. Estamos e somos partes de um conjunto muito maior que o humano e pertencemos a ele e com ele, ou melhor, a ela e com ela: a natureza.

A partir deste distanciamento humano x natureza – entendendo-a aqui como planeta único e como fonte de vida para todos os seres vivos –, as sociedades autônomas “civilizadas” afastaram os “não civilizados”. Estas comunidades e grupos são excluídos e marginalizados, inclusive nas grandes cidades, pois quem vem dos campos ou das florestas acabam vivendo nas periferias, enquanto seguimos nosso ideal ocidentalizado de modernidade e progresso, de acordo com Ailton Krenak (2019).<sup>1</sup> O ambientalista e líder indígena não fala diretamente sobre as mulheres, mas a partir de seu pensamento é possível perceber que as consequências do afastamento entre humanidade e natureza “suprime a diversidade”, porque

---

1. A ideia de nós, os humanos, nos deslocarmos da terra, vivendo numa abstração civilizatória, é absurda. Ela suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos. Oferece o mesmo cardápio, o mesmo figurino e, se possível, a mesma língua para todo mundo (Krenak 2019, p. 12).

os que são considerados próximos à natureza – como as mulheres já foram durante muitos anos – são menosprezados nas sociedades capitalistas-tecnológicas. A natureza, ao contrário, é explorada como se aí estivesse para servir à humanidade “civilizada”; como se fosse propriedade dos humanos.

Diante dessa realidade de desigualdade e exploração, não só de extração, mas também de destruição e modificação da natureza (os alimentos transgênicos, por exemplo), Alicia Puleo (2008)<sup>2</sup> defende que a ecologia deve ser também uma preocupação dos movimentos feministas, pois os impactos desses experimentos científicos e da exploração dos recursos naturais, a produção excessiva de lixo, a poluição das águas e a mudança climática, resultantes dessa interação dominante humano-natureza, afetarão, principalmente, as mulheres.

Assim, como pesquisadoras da literatura e suas interfaces, não podemos deixar essa temática tão especial e importante fora de nosso escopo de investigações. Por isso, trazemos com esta coletânea os estudos mais recentes, no campo dos estudos literários, sobre a perspectiva teórica da ecocrítica, em suas vertentes feminista e/ou ecofeminista.

William Rueckert cunhou o termo “ecocrítica” em 1978, que aponta para o estudo de conceitos vinculados à ecologia e ao estudo da literatura. Nesse sentido, os es-

---

2. Los “daños colaterales” y la posible irreversibilidad de los cambios hacen que debamos examinar las innovaciones a la luz de los Derechos Humanos (particularmente el derecho a la salud en un medio ambiente sano), y teniendo en cuenta la herencia que dejamos a las generaciones futuras. Una de las razones por las que la ecología se convierte en una cuestión feminista es el hecho de que, por causas biológicas, la contaminación tiene particular incidencia en la salud de las mujeres (Puleo 2008, p. 52).



tudos ecocríticos, de modo bem geral, referem-se à interligação entre natureza e cultura, humano e não-humano a partir da análise das representações literárias (Brandão 2003). A natureza interliga todas as coisas. Essa interligação é uma das leis fundamentais da ecologia (Commoner 1998), o que torna a interdisciplinaridade um eixo fundamental para a ecocrítica feminista, cuja diversidade de *background* inclui não apenas a ecologia, mas outros campos do conhecimento como o socialismo, a filosofia, a espiritualidade das mulheres e o ativismo político popular (Armbruster 1998).

Françoise D'Eaubonne, por sua vez, cunhou na década de 1970, o termo ecofeminismo, que tinha uma feição radical na época (Gates 1998; Brandão 2003). De toda a discussão já evidente nesse campo de estudo, pesquisadoras já consideradas clássicas da área, como Karla Armbruster, Ynestra King e Susan Griffin, entre outras, trabalham a equação mulher/natureza não a partir do essencialismo (um campo bastante expressivo dentro dos estudos do ecofeminismo), mas seguindo uma perspectiva mais libertadora para essa ligação.<sup>3</sup>

Outras perspectivas mais recentes já confirmam a desejada necessidade de rever/redefinir conceitos no sentido de abrir espaço para as necessidades de entendimento e reequilíbrio entre humanos e natureza, aqui entendendo o conceito de humanidade de forma inclusiva e não de oposição ou de uma proximidade essencialista. Natureza e cultura no sentido dado por Haraway (2017), sem a separação habitual entre elas.<sup>4</sup> A necessidade que se impõe

---

3. Diana Fuss (1989) também trata das questões do essencialismo. Ver referências.

4. Nessa articulação, cf. pesquisadoras como Griffin; King (1998), Alaimo (2000).

é a revisão de conhecidos binarismos – natureza-cultura, corpo-mente, objeto-sujeito, fonte, agente, e outros – visando um movimento mais inclusivo e menos dicotômico, que “não desautorize nem silencie certos grupos de humanos e também de vida não humana” (Brandão; Lourenço 2019, p. 13). Isso significa romper com as dicotomias, como a já mencionada, compreendendo os contextos com suas ambivalências, afinal, conforme argumenta Rosendale (2002, p. xxiii), a natureza, o meio ambiente, pode efetivamente ser visto como espaço “de opressão colonial [e também como] modelo para reteorizar as dimensões políticas e gendradas de lugar”.<sup>5</sup>

Podemos com segurança afirmar que é possível na atualidade estabelecer entre os termos ecofeminismo e ecocrítica feminista um intercâmbio. No passado recente houve muitos equívocos no tocante à associação limitada e restritiva de ecofeminismo ao essencialismo. Greta Gaard (2010, 2013) e Serpill Opperman (2013 a e b), argumentam a favor desse intercâmbio uma vez que o alcance do termo precisa de expansão e não de restrição, ainda que a aceitação desse termo já não provoque tantas restrições como antes, exatamente por se compreender que os tempos hoje são outros e que a conexão entre mulheres e a natureza precise ser compreendida de uma forma mais abrangente e menos situada biologicamente.<sup>6</sup> Essa compreensão formula um realinhamento conceitual com as teorias feministas contemporâneas, expandindo o seu significado para incluir a ideia de que “a ecocrítica

---

5. Argumentos já postos em publicações anteriores. Cf. Brandão e Lourenço (2019), Brandão (2020).

6. Alaimo (2010) aponta para as dificuldades encontradas pelo feminismo em relação à biologia. Cf. “Feminismos transcorpóreos e o espaço ético da natureza” na *Revista Estudos Feministas* em 2017 (Florianópolis, 25(2): 562, maio-agosto/2017).

feminista afirma a necessidade de uma nova perspectiva feminista nos estudos das literaturas, culturas e ciências ambientais” (Gaard *apud* Opperman 2013, p. 67).

A ecocrítica feminista apresenta uma proposta cujo contexto tem sido mais democrático e aberto, conforme já mencionamos, em relação à redefinição de determinados conceitos, como o de “natureza”, em suas várias acepções e diálogos. Considerando a perspectiva interdisciplinar dessa conjuntura crítica, acolhemos favoravelmente a sua abertura a tantas outras correntes teóricas que fornecem suporte aos estudos ecocríticos feministas e feministas de modo mais geral.

Assim, este livro oferece um caminho ainda relativamente novo dentro da crítica literária no Brasil e os ensaios que se seguem abordam escritoras brasileiras e estrangeiras contemporâneas, a partir de perspectivas literárias interdisciplinares que enfocam o texto literário – poesia e prosa – de modo aberto, procurando *ler* a natureza dentro e fora do humano, percebendo-o não como sujeito superior, mas integrado no todo que é a ecologia humana.

O primeiro capítulo, “Ecofeminismo e poética do corpo em *Moqueca de Maridos: Mitos Eróticos Indígenas*”, de Priscila Borges, trata da coletânea de narrativas indígenas organizada pela antropóloga Betty Mindlin (1997) que se destaca por trazer uma série de mitos que falam sobre tensões de gênero, evidenciando uma política, ou poética, do corpo, em histórias que narram sobre antropofagia, metamorfoses corporais, perspectivismo interespecífico, multinaturalismo ontológico (Viveiros de Castro 2015) e relações íntimas entre seres de espécies diferentes; elementos que integram a cosmovisão indígena e conferem literariedade às suas narrativas. Assim, propomos ler tais narrativas a partir dos referidos elementos da

cosmovisão indígena, considerando sua contribuição para os estudos do ecofeminismo. Como na ressignificação proposta por Haraway (2022) da associação entre mulheres-natureza repensando os dualismos natureza/cultura e mulher/homem a partir de uma reflexão inclusiva da natureza não humana, ou mais-que-humana.

No segundo capítulo temos a literatura mineira-brasileira apresentada através do ensaio de Raquel Nunes, cujo título “Conceição Evaristo: a ferida colonial em *Becos da Memória*” já nos adianta sua renomada escritora, a partir de uma perspectiva decolonial e ecofeminista. Considerando as particularidades de raça, gênero e classe social, as análises demonstram a relevância da interseccionalidade e a importância de se desfazer um pensamento naturalizado e baseado na lógica patriarcal, sexista e capitalista. A ótica ecofeminista traz à baila questões ambientais interseccionadas com categorias de opressão, partes da “ferida colonial” causada pelo colonialismo e subsequente colonialidade. Aqui se enfatiza a água como elemento de subsistência e de destruição, isto é, sua ambivalência. O trabalho oferece sustentação teórica que vai desde Marisol de La Cadena (2019) a Catherine Walsh (2009), de Kimberlee Crenshaw (2020 [1991]) a Izabel Brandão (2017, 2018, 2020, 2023), Stacy Alaimo (2010, 2017 [2007]) e Karen Barad (2007), entre outras.

O terceiro capítulo “Espaços da transcorporalidade em poemas de Jackie Kay”, de Izabel Brandão, abre o elenco das autoras estrangeiras desta coletânea e nos brinda com um ensaio que trata da poeta escocesa contemporânea Jackie Kay e usa como ponto de partida de análise o conceito de transcorporalidade, conforme definição de Stacy Alaimo (2008), e que diz respeito à integração dos mundos humano e mais-que-humano e é associado a uma vertente feminista da ecocrítica. Poemas

que tratam do corpo tóxico serão examinados visando a compreensão da aplicação do conceito à violência física e simbólica infligida ao eu lírico.

No quarto capítulo, Letícia Romariz apresenta sua poética líquida em seu “Relendo o mais-que-humano: Grace Nichols e a poesia das águas” no qual discute o que foi aqui chamado de poesia das águas da autora caribenha Grace Nichols. A partir da análise de 3 poemas da autora que envolvem a água nas condições de oceano, mar e rio, este capítulo tem como objetivo reavaliar a relação humana com o mais-que-humano e, neste caso específico, com a água. Utilizando autoras como Stacy Alaimo (2008), Hellen Tiffin e Graham Huggan (2014) e a matéria vibrante de Jane Bennett (2010), os poemas são analisados através da crítica literária ecofeminista, perpassando também pela teoria pós-colonial/decolonial. O texto finaliza com uma reavaliação de como consideramos outros seres, mesmo aqueles os quais denominamos de “coisas”, partindo da poesia das águas de Nichols e da forma como a água é tratada como um ser com agência e merecedora de respeito e cuidado.

O quinto capítulo traz o estudo de outra obra estrangeira, agora asiática, no ensaio intitulado “*Eu acredito que os humanos deveriam ser plantas*”: uma leitura da ficção de Han Kang sob a ótica da teoria ecofeminista”, da pesquisadora Jéssica Resende. A ficção da escritora sul-coreana Han Kang busca explorar os limites da violência humana, não é uma exceção e, logo no primeiro contato, fascina e inquieta os seus leitores ao redor do mundo. Conquistando os clubes de leitura brasileiros, que se difundiram durante o período da pandemia de Covid-19, a obra *A Vegetariana* (2018), juntamente ao conto *The fruit of my Woman* (2016) foram as narrativas selecionadas para compor este ensaio, que buscar pensar essas produções narrativas enquanto ale-

gorias do processo feminino na luta pela emancipação das mulheres e no em/apoderamento de seus corpos, a partir do viés teórico ecofeminista.

Já no sexto capítulo temos o ensaio “Feminismo e trabalho em uma perspectiva ecocrítica/ecofeminista em *Diez Mujeres*, de Marcela Serrano”, de autoria de Laurenny Lourenço, Eduarda Vasconcelos e Sthefany Magalhães, que trata da participação das mulheres no mercado de trabalho, especialmente na América Latina. Com base nos aportes teóricos de Verónica Schild (2016) acerca da política e economia latino-americana e de Alicia Puleo (2008), sobre o ecofeminismo, analisou-se o conto narrado pela personagem Andrea, que integra a obra *Dez Mulheres* (2011), da autora chilena Marcela Serrano. A análise observa que o trabalho feminino na América Latina tem raízes exploratórias, precárias e desiguais, sendo completamente alheio às necessidades da mulher trabalhadora e impondo a ela fardos pesados demais para que sejam carregados sozinhos. Todo esse cenário nos levou aos estudos ecofeministas que nos dá a noção de que os modos de opressão das mulheres, tão característicos do capitalismo neoliberal, decorrem da exploração e da acumulação desenfreada, que partem da exploração desmedida da natureza e que não reconhecem o direito das mulheres a uma existência digna, autônoma e sustentável. Neste contexto, a personagem Andrea é analisada em suas relações com o trabalho, a família, seu corpo, seus sentimentos e, externamente, com o ambiente ao qual procurou refúgio: o deserto de Atacama.

O sétimo capítulo, intitulado “O feminino arquetípico em contos de fadas de Marina Colasanti: uma leitura ecofeminista”, de autoria de Edilane Ferreira, analisa quatro contos de fadas contemporâneos da escritora ítalo-brasileira Marina Colasanti (“Entre as folhas do verde O”, “Vermelho, entre os troncos”, “Debaixo da pele, a lua”, “No aconchego de um turbante” e “Como os campos”),

tendo como viés teórico-crítico o ecofeminismo espiritualista em diálogo com a psicologia profunda de Carl Jung, a partir de uma ótica revisionista/feminista. A autora evidencia os dualismos de gênero nessas narrativas, demonstrando o seu essencialismo. Contudo, sustenta que esse essencialismo é realinhado, usado de modo afirmativo, com base em Mary Russo (2000), assim como é estratégico e contingencial, no sentido desenvolvido por Gayatri Spivak (1985[2010]) e Diana Fuss (1989[2017]), já que é a partir da integração com a alma arquetípica, com base na inter-relação com o mais-que-humano selvagem, que as personagens femininas se conectam com as naturezas interna e externa.

E, finalmente, no oitavo capítulo temos o ensaio “Carnificina oculta: exploração animal e feminina em *Saboroso cadáver* (2022), de Agustina Bazterrica”, de autoria de Joana Coelho que analisa a obra, publicada originalmente em 2017 e traduzida no Brasil em 2022. À luz da perspectiva ecocrítica, se evidenciam as ideologias e os mecanismos maléficos e, em grande parte, invisíveis da indústria da carne, bem como a relação entre a exploração dos animais não humanos e a exploração dos corpos femininos, ambas questões expressas e denunciadas na narrativa. Para isso, baseou-se em textos que tratam da questão da animalidade, especismo, carnismo e ética animal, passando por autores como Jacques Derrida (2002), Carol J. Adams (2012), Peter Singer (2013), Melanie Joy (2014) e Alicia Puleo (2015).

Compartilhamos, assim, nosso desejo de que essa nova fronteira crítica que traz a ecologia para o palco da cena literária possa continuar a permitir a renovação dos olhares críticos e construir novos contornos geradores de outros movimentos e conhecimentos.

*As organizadoras*

## Referências

ALAIMO, Stacy. “Feminismos transcorpóreos e o espaço ético da natureza.” *Revista Estudos Feministas*, vol. 25, nº 2, Florianópolis, 2017. Tradução de Susana Funck.

\_\_\_\_\_. *Bodily natures: science, environment, and the material self*. Bloomington: Indiana University Press, 2010.

\_\_\_\_\_. *The Undomesticated Ground – Recasting Nature as a Feminist Space*. Ithaca and London: Cornell UP, 2000.

ARMBRUSTER, Karla. “‘Buffalo Gals, Won’t You Come Out Tonight?’ A Call for Boundary-Crossing in Ecofeminist Literary Criticism”, in: GAARD, Greta e MURPHY, Patrick D. (orgs.) *Ecofeminist Literary Criticism – Theory, Interpretation, Pedagogy*. Urbana and Chicago: University of Illinois Press, pp. 97-122, 1998.

BARAD, Karen. *Meeting the universe halfway: quantum physics and the entanglement of matter and meaning*. London: Duke University Press, 2007.

BENNETT, Jane. *Vibrant Matter: A Political Ecology of Things*. Durham: Duke University Press, 2010.

BRANDÃO, Izabel. “Brazilian literature and ecofeminism”, in: VAKOCH, Douglas (org.) *The Routledge handbook of ecofeminism and literature*. New York and London: Routledge, pp. 195-203, 2023.

\_\_\_\_\_. “Apresentação do Dossiê Literatura e Ecologia: vozes feministas e interseccionais.” *Revista Ártemis*, vol. XXIX, nº 1, João Pessoa, pp. 2-13, 2020.



\_\_\_\_\_. “Chimamanda Ngozi Adichie: contornos feministas e de solidariedade em uma autora contemporânea”, in: CARVALHO, Sílvio e NASCIMENTO, Washington (orgs.) *Intelectuais das Áfricas*. Campinas: Pontes, pp. 331-358, 2018.

\_\_\_\_\_. “A propósito de feminismos transcorpóreos e o espaço ético da natureza, de Stacy Alaimo.” *Revista Estudos Feministas*, vol. 25, nº 2, Florianópolis, pp. 961-974, 2017.

\_\_\_\_\_. “Ecofeminismo e literatura: novas tendências críticas”, in: BRANDÃO, Izabel e MUZART, Zahidé (orgs.) *Refazendo Nós: ensaios sobre mulher e literatura*. Florianópolis e Santa Cruz do Sul: Mulheres e Edunisc, 2003.

BRANDÃO, Izabel e LOURENÇO, Laurenny. *Literatura e ecologia: trilhando novos caminhos críticos*. Maceió: Edufal, 2019.

CRENSHAW, Kimberlé. “Mapeando as margens: interseccionalidade, políticas identitárias e violência contra mulheres de cor. Tradução de Paula Granto e Gregório Benevides”, in: MARTINS, Ana e VERA, Elias (orgs.) *Corpos em aliança: diálogos interdisciplinares sobre gênero, raça e sexualidade*. Curitiba: Appris, 1991[2020, pp. 23-98].

DE LA CADENA, Marisol. “Cosmopolítica indígena nos Andes: reflexões conceituais para além da política.” *Maloca Revista de Estudos Indígenas*, vol. 2, Campinas, pp. 1-37, 2019. Tradução de Lucas C. Maciel e Fernanda B. Henrique.

FUSS, Diana. “O risco da essência”, in: BRANDÃO, Izabel et al. (org.) *Traduções da Cultura: perspectivas críticas feministas (1970- 2010)*. Tradução de Ildney Cavalcanti e Amanda Prado. Maceió e Florianópolis: Mulheres, Edufal e EdUFSC, pp. 362-397, 2017.

- HUGGAN, Graham e TIFFIN, Helen. *Postcolonial Ecocriticism: Literature, Animals, Environment*. Abingdon: Routledge, 2015.
- GAARD, Greta; STOCK, Simon C. e OPPERMANN, Serpill (eds.) *International Perspectives in Feminist Ecocriticism*. New York and London: Routledge, 2013.
- GAARD, Greta e MURPHY, Patrick D. (orgs.) “Novos rumos para o ecofeminismo: em busca de uma eco-crítica mais feminista. Tradução de: Izabel Brandão e Marina Verçosa de Andrade”, in: BRANDÃO, Izabel et al. (org.) *Traduções da cultura: perspectivas críticas feministas*. Florianópolis e Maceió: Mulheres, Edufsc e Edufal, 2017.
- HARAWAY, Donna. *Quando as espécies se encontram*. Tradução Juliana Fausto. São Paulo: Ubu Editora, 2022.
- \_\_\_\_\_. *Simians, Cyborgs, and Women – the Reivention of Nature*. New York: Routledge, 1991.
- KING, Ynestra. “Curando as feridas: feminismo, ecologia e dualismo natureza/cultura”, in: JAGGAR, Alison M. e BORDO, Susan. *Gênero, corpo, conhecimento*. Tradução de Britta lemos de Freitas. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1988[1997, pp. 126-156].
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- PULEO, Alicia H. “Libertad, igualdad, sostenibilidad. Por um ecofeminismo ilustrado.” *Isegoría: revista de filosofia, moral e política*, nº 38, Madrid, Espanha, pp. 39-50, 2008.
- ROSENDALE, Steven (org.) *The Greening of Literary Scholarship*. Iowa, Iowa UP, 2002, pp. 131-148.

- SCHILD, V. “Feminismo y neoliberalismo en América Latina (2016).” *New Left Review* 96, pp. 63-79, jan/fev. 2016.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Tradução Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1985[2010].
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Metafísicas canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- WALSH, Catherine. “Interculturalidad, decolonialidad y el buen vivir”, in: *Interculturalidad, estado, sociedad: luchas (de)coloniales de nuestra época*. Quito: Universidad Andina Simon Bolivar y Abya Yala, 2009.